

analu (Ana Luísa Gouveia Caldeira)

analu nasceu em Portugal, onde iniciou a sua jornada artística na música e na dança, ainda em criança. Não seria até 2016, ano em que terminou o seu mestrado em medicina, que iria reconectar-se com o brilho da beleza criativa, mergulhando na dimensão do sonho e perguntando-se sobre como torná-lo em algo palpável, tangível. Repleta de entusiasmo e curiosidade, vem a necessidade de entrar no profundo da experimentação. Analu é performer, investigadora, inventora e artista independente. É multi-dimensional/disciplinar, em constante mudança, criando galáxias que abordam tópicos tais como identidades reais e virtuais, existencialismo, o ridículo, o quotidiano, o encoberto e o estado animal-inato-selvagem. Fez formação com c.e.m., Francisco Camacho, Tiago Vieira, Ana Rita Teodoro, FAICC2020 (Joclécio Azevedo, Miguel Moreira, Hélder Seabra, Daniela Cruz, Elisa Zuppini, Raúl Maia, Nuno Preto, Paula Moreno, Luís Mestre, Ângela Quintela, Nuno Cardoso, Catarina Miranda, Joana von Mayer Trindade, Cristina P. Leitão, Ana Figueira), Boris Charmatz, Horácio Macuacua e ROAR ONLINE (Shannon Stewart, Anna Nowicka, Sonja Pregrad e Diego Agullò). Foi intérprete em projetos de Elissare Grenier, Diana Barra, Mário Negrão, Nora Chipaumire, André Uerba e Xana Novais. Está atualmente a produzir a sua primeira criação, 'this isn't about me', um projeto desenvolvido com o apoio financeiro da linha de Emergência GEPAC Fundo de Fomento Cultural.

Bruno Alexandre

Bruno Alexandre, 1977, Lisboa. Licenciado em Dança pela Escola Superior de Dança e Licenciado em Direito pela Universidade Autónoma de Lisboa. Mestre em Artes Cénicas pela FCSH, Lisboa. Como coreógrafo criou o solo "Cinemateca", apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Materiais Diversos, que teve a sua estreia no Festival Cumplicidades e "Cavalos Selvagens", estreado na Culturgest e apoiado pela Direção Geral das Artes. Em 2020 estreou, com a coprodução do LU.CA Teatro Luís de Camões, A Caminhada, para o público infanto-juvenil. Trabalhou na Companhia Olga Roriz como bailarino e assistente de criação desde 2007 até 2020 integrando todos os seus espetáculos apresentados em Portugal, Macau, Brasil e Coreia do Sul. Trabalhou também com Filipa Francisco no espetáculo "A Viagem" e com Tiago Rodrigues/Companhia Instável em "Assim, tipo...dança contemporânea". Foi ainda intérprete e criador dos espetáculos "Lugar Vagon". No cinema participou em "Nadadoras" de Susana Nobre e em "Mariphasa" de Sandro Aguilar. No teatro trabalhou com Susana Vidal no espetáculo "Rosto, Clareira e Desmaio" estreado no Teatro Nacional D. Maria II e participou no "Aqui há regras", uma proposta do Collectif Jambe para o Festival Alcantara. Como professor lecionou aulas regulares e Workshops de Improvisação e Composição na ETIC, CMJ (Conservatório de Música da Jobra), F.O.R (Formação Olga Roriz) Escola de Artes do Alentejo Litoral (Sines) e Festival Sidance (Seul).

Carlos Azeredo Mesquita

Carlos Azeredo Mesquita (Porto, 1988) é performer e artista plástico. O seu primeiro espetáculo, "Diet Plan for the Western Man", estreou em 2018 no KW Berlin, como parte do programa público da Bienal de Berlim e como parte da programação do Teatro Municipal do Porto. Em colaboração com Luísa Saraiva criou "I Know It When I See It", o seu segundo espetáculo, que teve estreia no Circular Festival de Artes Performativas e na Maschinenhaus

Essen, em 2019. Em 2020 trabalhou com Luísa Saraiva na cenografia e criação de espaço da peça HARK!, que estreará no Kamnagel, em Hamburgo, e no Festival DDD, no Porto. Carlos é licenciado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, e frequentou a licenciatura em fotografia na MOME Universidade das Artes Moholy Nagy, em Budapeste, Hungria. Como artista visual recebeu o Prémio BES Revelação, e o Startpoint Prize for Young Graduates (República Checa). Foi artista em residência da Trinenal de Arquitectura de Lisboa, e da Galeria Panal 361, em Buenos Aires. O seu trabalho tem vindo a ser exposto regularmente, e já foi mostrado, entre bastantes outros, no MAAT, em Lisboa, no Museu de Serralves, na Galeria Vitrine em Weimar, na Kubik Gallery no Porto, e na Faur Zsófi Gallery em Budapeste. carlosazeredomesquita.com

Catarina Rôlo Salgueiro

Catarina Rôlo Salgueiro nasceu em Lisboa em 1991. Concluiu o primeiro ano do curso de Línguas, Literatura e Cultura da Faculdade de Letras de Lisboa. É diplomada em Teatro - Ramo Atores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) e co-criadora do coletivo artístico Os Possessos. Como atriz, trabalhou com Maria João Luís/Teatro da Terra, Maria Duarte, Ricardo Neves-Neves/Teatro do Eléctrico, Teresa Coutinho, UmColectivo, Teatro Tapafuros, Byfurcação, Teatro Bocage, Companhia da Esquina e Teatro de Carnide. Colaborou também com o coletivo Building Conversation, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII). Com Os Possessos, participou em "Rapsódia Batman" (2014), "II – A mentira" (2015), "Marcha invencível" (2017), "O Novo Mundo" (2018) e "A Bolha" (2019), este último uma criação sua com João Pedro Mamede. Fez assistência de encenação a Ricardo Neves-Neves ("A Noite da Dona Luciana", de Copi, e "Encontrar o Sol", de Edward Albee) e Tiago Rodrigues ("Sopro", de Tiago Rodrigues). Em cinema trabalhou nos filmes "Verão Danado", de Pedro Cabeleira e "A Herdade", de Tiago Guedes. Em televisão trabalhou com Fernando Vendrell em "3 Mulheres", e com Ricardo Neves-Neves na peça de teatro filmada para a RTP2 "A Preceptora".

Diogo Freitas

Nasceu em 1996 em Joane. Iniciou a sua formação no Teatro da Trindade, passando depois pela atual ACE e mais tarde pela ESMAE. Na sua formação artística salienta formadores como Cristina Carvalhal, João Reis, Inês Vicente, Catarina Lacerda e Gonçalo Amorim. Realizou formações com André Braga, Grace Passô e Felipe Hirsch. Estreou-se como encenador em 2019 onde criou "Dilúvio" a partir de textos de Ricardo Neves-Neves. Destaca a sua recente criação, onde cocria e interpreta "Democracy Has Been Detected". É diretor artístico e cofundador da companhia Momento – Artistas Independentes.

Keli Freitas

Keli Freitas (1983, Brasil) é criadora, dramaturga e atriz. Graduada em Letras - Formação do Escritor pela PUC – Rio e Mestranda em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Formada em Artes Cénicas em 2003 pela CAL (Casa das Artes de Laranjeiras - RJ), trabalhou desde então com inúmeras companhias, coletivos e encenadorxs como Enrique Diaz, Aderbal Freire-Filho, Lola Árias (Argentina), João Fonseca, Renato Linhares, Inez Viana, Diogo Liberano, Pedro Brício, Jefferson Miranda, Paulo de Moraes, Cristina Moura, Antônio Abujamra

(no Brasil); e com Tiago Rodrigues, Alex Cassal, Cláudia Gaiolas, Paula Diogo, Raquel Castro, entre outros (em Portugal). Seu texto "Osmarina Pernambuco Não Consegue Esquecer" foi concluído no âmbito do Laboratório de Escrita para Teatro do TNDMII, e estreou no TNDMII em Novembro de 2019, com direção e interpretação suas. "Adicionar um lugar ausente", a primeira parte de uma trilogia autobiográfica que tem desenvolvido, apresentou-se pela primeira vez em julho de 2020 no Teatro Municipal São Luiz. Em Setembro de 2020 foi artista convidada do festival Linha de Fuga, em Coimbra, sendo co-criadora e co-encenadora do espetáculo Speed Date juntamente com Alex Cassal, Márcia Lança e Renato Linhares. É uma das autoras convidadas do projeto Panos 2021/2022. Colecionadora de correspondências de anônimos, desenvolve trabalhos autorais no campo da escrita quotidiana, como o projeto Carimbaria (instagram: @carimbaria)

Piny (Anaísa Lopes)

Nasceu em Lisboa em 1981. Terminou a licenciatura em Arquitetura, na FAUTL em 2007, uma pós graduação em Cenografia em 2009, e a formação "Scenography, Dance and Architecture" em Paris na École National d'Architecture e CND. Escreveu a tese final sob o tema "Tipologias habitacionais do Alto da Cova da Moura" após investigação no terreno durante um ano. Trabalhou 4 anos como Arquitecta e parou. Em 2012 termina a licenciatura em Dança na ESD. O percurso na dança começou em 1999 com estudos em danças do Médio Oriente e Norte de África, e desde 2006 uma intensa pesquisa e ensino de danças urbanas Norte Americanas (Breakdance, Hip Hop, House, Vogue, Waacking) e fusão destas linguagens. Este estudo tem sido feito de forma contínua entre a Europa e Nova Iorque desde 2005. Iniciou em 2012 o projeto de dança Orchidaceae, coletivo feminino de pesquisa e fusão de linguagens, tendo apresentado o seu trabalho na Europa, América e Ásia. Lecciona internacionalmente desde 2007 e organiza festivais, battles e debates. Como intérprete colaborou com Kwenda Lima, Alice Joana Gonçalves, Filipa Francisco, Tiago Guedes, Victor Hugo Pontes, Ricardo Ambrósio, Tânia Carvalho, Raquel Castro, Cristina Planas Leitão e Marco da Silva Ferreira. Em nome próprio destaca a peça "Corpo (i)lógico" - Criadores Emergentes 2011; "Periférico" em colaboração com Vhils para BoCA Biennial; "Sacred Geometry - a meditative State" e "HIP. a pussy point of view".

Bestiário

Atmavictu é o primeiro projeto do Bestiário e contou com uma residência artística de um ano e estreia no Teatro Taborda. Trabalha a memória, o tempo e a emoção. Umbra foi o primeiro espetáculo do Bestiário contemplado com um apoio financeiro à criação, pela Fundação GDA. Propõe-se a pensar a contemporaneidade pela ótica do negativo. Parlamento Shakespeare (Fábrica das Artes) e Parlamento Grimm (Culturgest) são espetáculos desenhados para a infância onde as noções de política, justiça, igualdade e democracia são constantemente questionadas. A plateia é convocada a expressar as suas ideias e confrontada com o poder da censura, da ditadura e da ausência de moral e ética. Homem-agem (O Espaço do Tempo) assenta numa investigação prática sobre o ato de homenagear e envolve uma forte componente biográfica. Através de solos, cada intérprete presta a sua homenagem individual, na qual os restantes performers são convocados a intervir em momentos específicos. O Programa Paralelo é uma parceria com o Externato Santa Teresinha de Lisieux, que acompanha o percurso do Bestiário pelo terceiro ano e dialoga com os processos artísticos

desenvolvidos no palco, através de temas tão diversos quanto a sombra (Umbra, '19), a genealogia (Homem-agem, '20) e a linguagem (MESA, '21). Estes momentos de partilha contaminam ambos os universos: alimentam discussões dramáticas dos processos do coletivo enquanto ativam a fruição estética da Arte nos mais novos.

Renan Martins

Renan Martins é um coreógrafo e bailarino residente no Porto. Começou sua carreira artística como ator infantil e aos 16 anos iniciou seus estudos em dança no Centro de Movimento Deborah Colker, no Rio de Janeiro. Formou-se na SEAD, em Salzburg, e em 2010 integrou o ciclo de pesquisas da P.A.R.T.S., em Bruxelas. Como bailarino, já trabalhou com Iztok Kovac, Marisya Stoklosa, Anne Teresa de Keersmaeker, Pierre Droulers, Alexandra Waierstall, Daniel Linehan e Peter Savel. É membro da companhia belga Damaged Goods/Meg Stuart desde 2013, tendo participado nas peças "VIOLET", "Atelier III", "Projecting Space" e, mais recentemente, "CASCADE", uma colaboração entre Meg Stuart e Philippe Quesne. O seu trabalho coreográfico teve o seu primeiro grande reconhecimento em 2016, ao entrar para o Aerowaves com "Let Me Die In My Footsteps". Desde então, Renan tem criado e mostrado suas peças com frequência em diferentes teatros e festivais pela Europa e Brasil. Em 2018, começou a colaborar com o Teatro Municipal do Porto Rivoli/Campo Alegre, com quem teve diferentes apoios de residência e co-produção para o projeto "Episódios", a peça "Saturno, a festa!" e, mais recentemente, "VIADUTO", o seu último trabalho, que contou também com o apoio à residência do Espaço do Tempo.